

UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE CIBERLEITURA

Tatiani Daiana de Novaes

Resumo

Artigo sobre a importância de trabalhar com a tecnologia na sala de aula. O estudo faz uma modesta discussão sobre os teóricos L. S. Vygotsky, Jean Piaget, Frank Smith e Umberto Eco que são a base da proposta pedagógica. Sendo muito difícil, nos dias de hoje, distanciar-se da tecnologia, propõe-se uma atividade para ajudar o aluno a desenvolver a ciberleitura e usar a tecnologia de maneira útil e consciente; porque acredita-se que o educando precisa usar a tecnologia segundo sua necessidade e não ficar à disposição das necessidades tecnológicas. A atividade consiste na criação de uma homepage; através dela, o aluno trabalhará a leitura, produção e interpretação de texto.

Palavras-chave: Leitor- Hipertexto- Escola

Abstract

Article on the importance of classroom work using technology.. The research makes a subtle discussion about the scholars Vysotsky, Piget, Smith and Eco whom are the base of the pedagogic proposal. Being quite difficult, nowadays, getting far from technology ;propose an activity to help the student to develop the cyber-reading, and to make use of the technology in a useful way with awareness, because we believe that the pupil needs to use the technology applying it to its needs, not staying at disposition of the technologic needs. The activity is basically the development of a homepage ; through it, the student will work the reading, writing and text interpretation.

Key words: Hipertext, cyber-reading and school.

Base teórica para uma proposta pedagógica

Vygotsky, Smith, Piaget e Eco:

Destaca-se na atividade aqui proposta o caráter construtivo do processo de aquisição de conhecimento. A visão de um ser humano estático, moldável é substituída por aquele de um ser humano com vontade própria, situado em um determinado contexto dinâmico, portador de competência seletiva, interpretativa, capaz de atribuir significado ao objeto de conhecimento, de avaliar as situações que geram esse conhecimento e às quais estão circunscritos. Constitui-se, portanto, num indivíduo que não apenas é responsável pela autodeterminação da construção de seu conhecimento, mas que é francamente permeável às influências do grupo a que pertence, do contexto dinâmico e pleno de contradições no qual vive.

Para colocar em prática essa atividade, pensa-se em trabalhar com uma sala de aula, em que professor e aluno encontram-se envolvidos em um processo ensino-aprendizagem interativo, concentrando-se mais a atenção e o interesse no campo da aprendizagem, que deve, obviamente, ser também interativa. O professor assume o papel de orientador, de facilitador, de organizador dessa aprendizagem, estimulando a autodeterminação do aluno no processo de construção de seu conhecimento. Esse processo apresenta-se, de um lado como uma construção individual pela interação entre aluno e o objeto de conhecimento, de outro, social por influência do professor e das intervenções pedagógicas a que o aluno está sujeito. Configura-se, assim, uma tríade- professor - objeto do conhecimento - aluno- em que o social mediatizado impulsiona o funcionamento mental, indicando que o modo de agir e de pensar de cada implicado na corrente interativa revela sua origem nas marcas de um contexto social e cultural dinâmico.

Constata-se, nessa explicitação, a ocorrência de um processo de assimilação e de uma posterior apropriação de dados culturais em toda a sua abrangência, os quais são transformados pelo indivíduo. Esse entendimento é preconizado por Vygotsky que acredita que um signo é sempre originalmente um

meio usado para fins sociais, um modo de influenciar os outros e só posteriormente vem a ser um modo de auto-regulação. Para este estudioso a função mental da palavra só pode ser explicada por um sistema que vai além do indivíduo. A primeira função da palavra é a função social e, se quisermos traçar como ela funciona no comportamento do indivíduo, deve-se considerar como ela é usada e funciona no comportamento social.

Vigotsky afirma, portanto, que o social é a origem das funções mentais humanas, ocorrendo entre indivíduos distintos, num processo interativo inicial e, posteriormente, na interioridade de um mesmo indivíduo,

Esse autor tem como base a idéia de que as funções psicológicas superiores distinguem - se pela origem sociocultural, emergem de processos psicológicos elementares, de origem biológica, sendo manifestadas pelas crianças na interação que desenvolve com a sua cultura. Pode-se visualizar, com base nessas considerações, uma relação estreita entre a história individual e a história social de cada indivíduo, revelada no emprego da palavra.

A concepção do significado da palavra como uma unidade tanto do pensamento generalizante quanto ao intercâmbio social é de valor inestimável para o estudo do pensamento e da linguagem, pois permite uma verdadeira análise genético-causal, o estudo sistemático das relações entre o desenvolvimento da capacidade de pensar do indivíduo e seu desenvolvimento social.

Visualiza-se em Vygotsky a defesa da gênese social do conhecimento. O primeiro reconhece duas formas de mediação responsáveis pela construção histórica da consciência: por intermédio da palavra e pela interferência do outro; o segundo reconhece que a atividade mental inexistente desvinculada da mediação do mundo pelos elementos do jogo comunicativo por intermédio da palavra, mesmo num meio repleto de signos não - verbais.

Tanto Vygotsky enfatiza o social, entendido como conjunto de manifestações exteriores ao indivíduo, concretizado na forma de vivências e experiências cotidianas que, filtradas pela linguagem, passam a construir a forma social da mente.

Se o professor tem o conhecimento e convicção dessa dimensão proposta pelos autores referidos, o seu desempenho em classe como orientador do processo ensino-aprendizagem deve assumir a valorização social em suas ações. Tomando como foco o ato de ler enquanto experiência individual, este não deixa de constituir, ao mesmo tempo, uma experiência social, uma vez que envolve pensamento e linguagem, cuja gênese é marcadamente social. Essa abordagem imprime maior abrangência e profundidade à ação docente na tarefa de mediação de experiências e conhecimentos.

Leva-se em conta, na proposta pedagógica descrita a seguir, o que o aluno consegue produzir de forma independente; mas também, aquilo que o aluno pode fazer com o auxílio do professor e dos colegas, reforçando assim o pensamento de Vygotsky em que o professor não é o centro, mas o mediador, que os alunos mais adiantados poderão cooperar com os demais, rompendo-se assim o conceito de que as turmas devem ser organizadas buscando-se uma homogeneidade. Nessa perspectiva, elimina-se a falsa verdade de que o aluno deve sozinho, descobrir suas respostas; de que a aprendizagem é resultante de uma atividade individual e interpessoal. Aquilo que o aluno realiza hoje com a ajuda dos demais, provavelmente estará realizando sozinho amanhã. Vygotsky afirma que, num primeiro momento, o conhecimento se constrói de forma inter-subjetiva (entre pessoas) e num segundo momento, de forma intra-subjetiva (no interior do sujeito); tomando como apoio essa perspectiva, a atividade sugerida baseia-se na constituição do pensamento e a construção do conhecimento incorporando o papel do outro.

Outro aspecto apresentado por Vygotsky a ser levado em conta é a importância que do processo em relação ao produto final quando se trata do aprendizado do aluno; ou seja; o importante é como o aluno chegou ao resultado final e não o resultado final em si. O aspecto a ser observado e avaliado é a maneira que o indivíduo construiu o texto, que outros textos ele leu, que pesquisas realizou e não o resultado final do texto produzido por ele. No caso da proposta de

Ciberleitura proposta nesse capítulo, o mais interessante não é a *homepage* em si, mas a maneira, os artifícios, as leituras, as associações; enfim; o que foi feito para montar essa página de hipertextos.

A teoria piagetiana também contribui para a base dessa proposta, principalmente no que diz respeito à construção do conhecimento baseada a partir dos estímulos externos e os do próprio aluno. Sendo assim, a escola, o professor e os colegas serão facilitadores, estimuladores da construção do saber.

Piaget estuda a inteligência desde o período sensório-motor até o formal, lógico dedutivo estabelecendo estágios para o desenvolvimento. Esses estágios do desenvolvimento das crianças são fixos. Piaget insiste em dizer que as mudanças na cognição infantil ocorrem principalmente como resultado dos processos maturativos, mas, hoje, não se acredita mais nessa rigidez toda. Sabe-se que as crianças podem perfeitamente dar saltos nesses estágios, um exemplo seria as crianças que aprendem a ler e a escrever na folha de papel e na tela do computador ao mesmo tempo, algumas até aprendem primeiro através do computador e depois na folha de papel. Isso é um salto de fases.

Essa teoria piagetiana tem quatro processos de aprendizagem:

- 1) Assimilação: ação de agitar e balançar.
- 2) Operações mentais: reunir, separar e classificar.
- 3) Acomodação: ampliação ou modificação de um esquema de assimilação.
- 4) Adaptação: a cada adaptação realizada, novo esquema assimilador se torna estruturado e disponível, para que se realize novas acomodações e assim sucessivamente, tornando-se conceitos.

Sendo assim, o que constitui o conhecimento, não é apenas uma associação, mas uma assimilação dos objetos de conhecimento do aluno; o papel da escola é dar oportunidade aos alunos de fazerem uso desses objetos.

A intenção é deixar de lado o método em que o professor sabe tudo e torná-lo um pesquisador em ação na sala de aula.

Umberto Eco contribui para a proposta a ser apresentada em três aspectos principais, os conceitos de: texto, enciclopédia, signo e função sógnica.

No que diz respeito ao conceito de texto, tem-se: “Todo signo é um texto virtual ou uma virtualidade de textos - e que todo texto é a expansão de um signo inscrito em um universo sógnico em forma de enciclopédia” (Eco, 1984: p 1).

Ao que diz respeito à enciclopédia, Eco conceitualiza como sendo os diferentes significados de que o leitor sabe de uma mesma palavras (grafia). Como por exemplo, manga: parte de uma blusa e uma fruta. Enciclopédia do aluno são as vivências, o conhecimento e às experiências do aluno. Dependendo do contexto a mesma palavra tem significados diferentes. Quanto mais significados, maior a enciclopédia do leitor. Toda essa enciclopédia é transportada para a interpretação, é aplicada no ato da leitura e todo o seu conhecimento com esses referenciais preencherá as lacunas do texto.

A outra reflexão desse autor, que norteia esse trabalho é a reflexão sobre o signo e a função sógnica, que pode ser melhor explicado se destacado em três aspectos:

- a) A função sógnica é a correlação, as vezes transitória e instável, entre uma expressão e um conteúdo.
- b) Essa correlação pode ser, segundo Eco, ponto a ponto ou bloco a bloco.
- c) Pode ser de tipo analógico ou motivado, ou totalmente arbitrário e discreto (como o código da biblioteca, por exemplo).

Outra contribuição importante para esse trabalho é a de Frank Smith. Ele refere-se à Ciberleitura como leitura *on-line* e diz que as razões pelas quais as pessoas farão esse tipo de leitura são exatamente as mesmas razões da leitura do texto impresso: pela informação; pelo prazer; pela identificação e pela experiência. Não há novas razões para a leitura *on -line*, mas sim, uma nova gama de possibilidade de folhear documentos anteriormente inacessíveis, e até legalmente restritos e até de espionar intercâmbios entre especialistas e outras autoridades com ou sem a sua permissão.

A leitura é um vício para algumas pessoas e o computador também, a combinação da leitura com os computadores pode tornar-se irresistível. Nos livros é possível uma identificação com um personagem ou com vários personagens reais e imaginários. Na Internet, o leitor pode interagir com eles. É verdade que existe uma grande quantidade de *sites* sem qualidade, mas isso é apenas um detalhe perto das mudanças e novidades que os hipertextos trazem.

A escolha a auto-proteção serão habilidades significativas a serem desenvolvidas. O outro lado menos comentado da interação eletrônica é que as outras pessoas têm acesso aos leitores e à informação sobre eles, seja esse o desejo dos leitores ou não.

Assim, como há mais oportunidades e até demanda de muito mais leitura, também haverá oportunidades e demanda para muito mais escrita, em um meio no qual caberá aos leitores a condução de grande parte da sua correspondência, negócios, atividades bancárias, votações e educação.

Para Smith e grande parte dos teóricos, essa onda tecnológica não significa o final dos livros. Milhões de pessoas têm um sentimento especial por eles, pela sua aparência, seu contato, seu cheiro, sua conveniência e o fato de que se pode colocar pequenas tiras de papel com comentários escrito entre as páginas. Porém Smith afirma que qualquer uma dessas características dos livros ou qualquer outra que permaneçam exclusivas dele, pode ser inventada a qualquer momento por um engenheiro de computadores. A tecnologia não substituirá o livro até que produza algo com a mesma aparência, sentido e cheiro dos livros, e que tenha a mesma conveniência. Caso o engenheiro consiga criar, a tecnologia não substituirá os livros mas terá se tornado livros. Para esse estudioso isso não seria um problema, mas ainda sim, ele suspeita que os livros permanecerão a nossa volta pelo tempo em que as pessoas tiverem alguma preferência por eles.

Com isso se quer deixar claro que esse artigo não tem a intenção de convencer e muito menos por em discussão o “fim dos livros” ou a substituição deles pela máquina.

Smith serve de base teórica para a proposta sugerida aqui, entre outros motivos, porque acredita que para as pessoas se familiarizarem com a leitura no mundo da expansão da Internet e com seus novos conteúdos e para elas aprenderem a lidar com isso tudo, será necessária experiência. Ele deixa claro nas suas reflexões que a melhor maneira de adquirir experiência é com um guia e que o melhor lugar para encontrar um guia é no terminal adjacente, naquele que o leitor está esperando para usar, ou na própria internet. E a sugestão metodológica descrita a seguir tem esse lugar como ponto de encontro entre alunos e professores.

A melhor maneira de tornar-se um leitor da Internet, segundo Frank é a mesma que em qualquer outro meio, ou seja, ser membro voluntário de um clube, com uma orientação experiente em vez de ensino específico, e tendo o autor no autor do texto o orientador mais poderoso.

Na leitura do texto eletrônico, o interesse do aluno ainda é um ponto fundamental e os autores permanecem sendo as pessoas que realmente a organização do clube se aplica *on-line* outras pessoas mostram o que o usuário pode fazer com a língua e com a tecnologia e o ajudam a fazer sozinho.

A importância de Smith embasando a proposta de Ciberleitura se dá por ele afirmar que a tecnologia eletrônica pode colocar as pessoas, neste caso os alunos, em contato com o que elas realmente querem ler; ela pode dizer-lhes onde encontrar determinados livros, revistas e jornais que eles podem acreditar ser relevantes e úteis; pode também, apresentar diretamente na tela a informação que é interessante para uma determinada finalidade. A tecnologia facilita muitos tipos de pesquisa.

É quase impossível falar de leitura do texto eletrônico sem falar de produção de texto. No espaço telemático e na proposta descrita a seguir, os dois aspectos se fundem. Não há forma mais fácil de ter idéias na linguagem escrita, de apagar, de revisar, modificar, editar, armanezar e recuperar.

Os computadores são frequentemente e equivocadamente considerados como aparelhos solitários, que isolam as pessoas umas das outras. Nas reflexões do estudioso citado, isso não é verdade, com as redes locais e a própria internet, os

computadores têm pela primeira vez, tornando possível que duas ou mais pessoas escrevam o mesmo texto juntas.

Outra característica marcante da Ciberleitura, que está presente na proposta pedagógica, é que não há necessidade de levar um rascunho para que ele seja lido e comentado. As pessoas poderão mostrar o que está sendo escrito simplesmente reproduzindo na sua tela com o toque de uma tecla. É possível abrir todos os conteúdos da memória, pode-se aceita-las e se não agrada, não há problema, pois o texto original não terá sofrido alterações.

Todas as pessoas estão mais unidas através da tecnologia eletrônica. Os leitores estarão mais próximos dos autores, os escritores dos leitores, os alunos dos professores. Não será mais necessário esperar que um próximo romance de um escritor seja publicado. Se o autor concordar, as pessoas poderão lê-lo enquanto ele está sendo escrito, compartilhando intimamente da excitação e da frustração da composição, da disciplina da revisão e da edição. Pode-se através da tecnologia interagir com autores prediletos dessa maneira.

Organizando-se para a proposta pedagógica

Para que a leitura e a produção de texto se dêem de maneira efetiva, algumas características técnicas e metodológicas devem ser citadas:

Lugar: sala de informática;

Orientador da atividade: preferencialmente um professor de Informática, de Língua Portuguesa, a bibliotecária.

Computador com: teclado, tela, scanner, cpu, etc.

Aulas básicas, introdutórias de digitação com o grupo que ainda não tenha esse domínio.

Aulas introdutórias para o grupo que ainda não tenha domínio dos programas: Word, noções de power point e navegação na Internet.

É importante introduzir os alunos que não têm acesso à tecnologia no contexto da informática para que aprendam noções básicas de digitação, navegação, hipertexto e links.

Dividindo a sala de aula de primeiro ano do Ensino Médio na sala de informática e na sala de aula

Na sala de aula:

Leitura, interpretação e discussão sobre as crônicas e contos de Luiz Fernando Veríssimo. A primeira leitura será na tela do computador e posteriormente no papel.

Aula de redação.

Conhecimento de outras obras de crônicas e contos.

Leitura de crônicas dos jornais da cidade.

Aulas de gramática aplicadas ao texto.

Na sala de informática:

Aulas de informática básica; Word e Internet.

Navegação simulada (páginas salvas no winchester).

Escanerização de fotos e imagens.

Aula de digitação básica no editor de texto Word.

Aula sobre *link* (conceituação e prática).

Ensino de editoração no FrontPage Express.

Linkagem no FrontPage Express.

A atividade propriamente dita

Trata-se da criação de uma *homepage*; ou seja; uma página da Internet. O aluno montará uma página repleta de link , textos, sons, janelas que abrem para outros textos, palavras –chave que levam o leitor automaticamente para outras *homepages* relacionadas.

O trabalho do aluno é basicamente a criação de janelas, ou seja, outras páginas com textos, imagens, gráficos, músicas, informações que de alguma forma se relacione com o texto trabalhado. Um exemplo, seria a criação de *links* em determinadas palavras do conto ou da crônica escolhida pelo aluno para o trabalho, *links* que os transportará o leitor para outras páginas formada pelos alunos, como: significado dicionarizado das palavras; biografia do autor; outro conto ou crônica com a mesma temática; outro autor que segue o mesmo estilo de linguagem; um texto literário ou não criado pelo próprio aluno; entre outros.

A partir da leitura do conto, o aluno passa a explorar as suas possibilidades de intertextualidade. Após noções básicas de navegação, conceitos sobre links, hiperlinks, hipertexto, o estudante mergulha em produções líricas de diversos autores da Literatura Brasileira com o objetivo de estabelecer uma relação direta ou indireta, com os textos do Veríssimo.

A preocupação do aluno, a partir da leitura do texto, é de estabelecer as possíveis conexões com este. Paralelamente, nas aulas de Língua Portuguesa, ele também é estimulado à produção de contos, resenhas literárias, sinopses, biografias.

O FrontPage Express, programa da Microsoft utilizado na confecção da homepage, familiariza o educando com a internet. Como os computadores não estão em rede, simula-se a navegação através de homepages gravadas em cada computador. Todas as informações e produções pesquisadas e construídas pelo estudante são digitadas no Word, salvas em html, estilizadas com imagens de fundo e linkadas ao conto de Marina Colasanti. O aluno estará trabalhando paralelamente com a leitura e a produção, pois para confeccionar sua homepage, ele precisa de diversas informações. Esse processo de construção de texto é um modo de alargar os domínios da leitura e redação.

Conclusão

O uso do computador não reforça as formas tradicionais de ensino, somando-se a tantas outras tecnologias, cujo processo é centrado no professor. Sua utilização altera a rotina escolar e os métodos de organização de trabalhos, pois os processos de leitura e escrita estão integrados em um contexto estrutural de mudança de ensino aprendizagem em que o professor e os alunos vivenciam processos de comunicação abertos de participação interpessoal e grupal.

A pedagogia que encontramos no hipertexto (*homepage*) não é mais da instrução direta e explícita pelo professor. O trabalho de leitura, interpretação e produção de um conhecimento através de erros e acertos, da internalização das informações é priorizado.

A criação de uma *homepage* faz com que o aluno se depare com uma escrita não linear, pois pode-se fazer uso de imagens, palavras e sons simultaneamente, possui mobilidade espacial. A utilização desses recursos para ampliar ou representar o texto dão a página um aspecto lúdico que transforma o ato de ler e escrever em uma aprendizagem em forma de jogo. O agir desse ambiente virtual, o indivíduo estabelece a interação entre os textos construídos que convergem num único texto. Cada *link* criado é um outro texto que é gerado por uma prática de leitura e produção que é resultado do diálogo de diversos textos.

Não contando mais com o papel, a caneta porque agora o aluno escreverá num teclado, lerá na tela; ele efetuará processos de compreensão mentais mais complexos, diferente daquela do papel que ele já dominava. Essa forma de escrita e leitura ativa processos mentais de leitura e escrita diferentes até então. Não se trata de dar ênfase a mais uma habilidade motora, mas sim, levando-os a observar como se dá o processo cultural e complexo de construir frases, textos, mudando inclusive o perfil da pesquisa escola.

Na formulação da *homepage* é ampliada à capacidade de acúmulo de informação e memória que todo o texto traz consigo ao nascer. Cada *link* é um outro texto que é gerado por uma prática de leitura e produção que não é resultado

de uma fala vazia, mas de um discurso interior, resultado do diálogo de diversos textos.

Referências Bibliográficas:

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1998.

CHARTIER, Chartier. *Cultura Escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CRISTINA, Tereza. *Vygotsy: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

ECO, Humberto. *Conceito de texto*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

ECO, Humberto. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. Vol. 1 e 2. Rio de Janeiro: editora 34, 1999.

KAFMAN, Ana Maria. RODRIGUEZ, Maria Helena. *Escola, Leitura e Produção de textos*. Porto Alegre. Artes Médicas, 1995.

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

LÉVY, Pierry. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento da era informática*. Rio de Janeiro, 1993.

LITWIN, Edith. *Tecnologia Educacional: Política, História e Propostas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MACHADO, Ana Maria. *Conversas sobre leitura e política*.

MAGNANI, Maria do Rosário M. *Leitura, Literatura e Escola*. São Paulo: Martins Fontes 1989.

MARINHO, Marildes. *Ler e Navegar Espaços e Percursos da Leitura*. Campinas. Mercado das Letras, 2001.

MIKHAIL, Bakhtin. *Maxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

ROSING, Tânia M. K *A formação do professor e a questão da leitura*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 1996.

ROSING, Tânia M. K. *Do livro ao cd rom*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 1999.

SMITH, Frank. *Leitura significativa*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

YUNES, Eliana. *Pensar a leitura: complexidade*. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.

ZIBERMAN, Regina, SILVA, Theodoro da. *Leitura perspectivas interdisciplinares*. 4 ed São Paulo: Ática 1998.